

Guerreiras da Terra¹

Matheus Fernando do Carmo SANTOS²

Tailane de Almeida NORONHA³

Vitor José Braga Mota GOMES⁴

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

O projeto foi elaborado a partir de reflexões sobre o cotidiano feminino com inspiração no exemplo trazido das nossas avós que sempre ocuparam um papel subordinado comparado aos homens na organização do trabalho no campo, apesar de realizarem tarefas iguais ou até mesmo maiores que os mesmos. Com base nessa problemática, analisamos que mesmo contribuindo de forma positiva a mulher ainda sofre preconceitos. Esses preconceitos apesar de serem barreiras na luta por direitos iguais, não impedem que as mulheres liderem suas terras e suas vidas e busquem sua liberdade e autenticidade dentro do campo.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; campo; igualdade; gênero; empoderamento.

INTRODUÇÃO

O trabalho feminino no campo, apesar de contribuir na renda da família, ainda é reconhecido por muitos como atividade complementar exercida pelo trabalho masculino, que não valoriza a produção de alimentos dos quintais residenciais, os quais as mulheres participam. Essa falta de reconhecimento é o motivo principal da invisibilidade do trabalho feminino dentro do setor produtivo (ALMEIDA *et al*, 2014).

Competência, resistência e capacidade de fazer mais de uma atividade consecutiva são características importantes que impulsionam as mulheres a ocuparem cada vez mais esses espaços. Apesar de bastante subjugadas durante toda a vida, as

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo (JO 12 Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série) do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFS, e-mail: mathewsfernando007@gmail.com

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFS, e-mail: tainoronha@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFS-SE, e-mail: vitorbragang@gmail.com

mulheres possuem um papel que vai muito além da capacidade educacional dos filhos, provedoras do sustento e líderes de famílias.

As mulheres tiveram por muito tempo seus direitos violados; essa realidade contudo, começa a se diferenciar com a luta das mulheres em geral e do campo para a criação de políticas públicas que as coloquem em condições de igualdade de direitos.

As políticas públicas em muitos casos são voltadas ao gênero masculino, de modo que afeta as contribuições para o gênero feminino gerando invisibilidade nas atividades produtivas do campo. Segundo Nascimento (*et al*, 2013, p. 8)

Os programas governamentais voltados para a agricultura familiar que reproduzem a divisão social do trabalho contribuem cada vez mais para a invisibilidade feminina e conseqüentemente a desconsiderá-la enquanto trabalhadora, uma vez que a sua participação vista como ajuda omite o seu direito de igual participação no resultado do trabalho. Esta relação gera injustiça, pois ignora a sua contribuição econômica na produção agrícola e nega a sua condição de trabalhadora.

Com essas constatações, evidencia-se, portanto, que é preciso analisar o processo evolutivo de produção no campo, começando da perspectiva de gênero, no qual sejam tratados da mesma maneira, para que nenhum direito seja negligenciado ou favorecido a determinado sexo.

A fotografia, nossa forma de trazer uma luz sobre essa perspectiva de gênero no campo, enquanto instrumento de leitura e objeto de admiração vai muito além do que uma simples reprodução da realidade, ela provoca uma relação crítica daquele que a observa. Para Kossoy “[...] A realidade da fotografia reside nas múltiplas interpretações, nas diferentes “leituras” que cada receptor dela faz num dado momento; tratamos, pois, de uma expressão peculiar que suscita inúmeras interpretações” (KOSSOY, 1999, p. 38).

A Fotografia documental é um gênero fotográfico comprometido com a sensibilidade que exige do fotografo um olhar singular ao retratar uma realidade, contar uma história ou um momento. Segundo Seidl (2016, p. 58):

A intenção dos fotógrafos comprometidos com a prática documental é dar testemunho. Proporcionar aos leitores da imagem a sensação de ter presenciado tal episódio, como aconteceu. Registrar o momento no tempo e num ângulo contextualizador.

Este relatório apresenta o projeto de produção do fotolivro que será disponibilizado em formato impresso e digital – através da plataforma *Issuu*⁵. Para tanto, este primeiro tópico explicita as primeiras pesquisas feitas a respeito do tema, bem como os levantamentos do histórico desse processo que já está enraizado na sociedade brasileira. Os objetivos mostram os principais propósitos que nos propomos atingir. A justificativa expõe as questões norteadoras que nos moveram a escolher esse tema. Na metodologia, demonstramos todos os métodos que foram utilizados nos processos de apuração e produção, a princípio com visitas às residências com a finalidade de nos aproximarmos das pessoas, conhecermos suas histórias e somente no final do processo, após imersão profunda, fotografarmos. Por fim, as considerações finais abrem espaço para discutirmos o resultado dessas experiências na busca por identificar os erros e acertos do processo, bem como as dificuldades enfrentadas durante seu desenvolvimento, a fim de se constatar como funciona na prática a invisibilidade das mulheres do campo.

Para além dessa estrutura, esse momento de reflexão sobre um produto prático se destina a sintetizar todo o nosso trabalho desde a escolha do tema, passando pela concepção da obra até o momento de apresentação do resultado final.

1. OBJETIVOS

1.1. GERAL

Propor um fotolivro que analisa a vulnerabilidade fundiária da mulher no campo, apontando a luta constante pelo direito à terra, e demonstrando através de fotografias quem são essas mulheres, onde vivem e como se organizam entre os cuidados com a família e o trabalho do campo.

1.2. ESPECÍFICOS

- Observar de que forma essas mulheres têm ganhado autonomia em relação às suas vidas e o espaço onde vivem;

⁵ www.issuu.com

-
- Ouvir suas vivências e trajetórias a fim de conhecer suas histórias e as dificuldades no processo de reconhecimento;
 - Produzir um trabalho de fotografia documental sobre os trabalhos no campo que exercem as mulheres, acompanhando um aspecto da realidade diária delas;
 - Contar, através das imagens e das suas falas, histórias com intuito de reafirmar lutas das mulheres em busca de igualdade, especialmente aquelas do campo.

2. JUSTIFICATIVA

Observa-se que no meio rural o trabalho realizado pela mulher agricultora não é reconhecido como um trabalho, sofrendo dessa forma diferentes preconceitos que se estendem para além do meio rural (VILLWOCK *et al*, 2016). Nesse sentido esse projeto pretende mostrar a participação das mulheres nos vários espaços sociais lutando pelos seus direitos, necessidades e contrariando as desigualdades através do trabalho. Desigualdades estas, manifestadas em todas as esferas econômicas, sociais, na cidade e no campo.

Desse modo, a fim de exaltar a importância das mulheres do meio rural que muitas vezes não tem percepção da dimensão do trabalho que exercem, embora possuam a capacidade de desenvolver atividades iguais ou maiores que a dos homens. Segundo Bueno, (2017, p. 4): "A mulher agricultora exerce uma múltipla jornada, e ao longo do dia não fica limitada a uma tarefa só, desenvolvendo diversos trabalhos importantes para a manutenção da família e da produção."

O projeto se justifica não só pela necessidade de constatar as desigualdades entre mulheres e homens na agricultura familiar, como também por aclarar a luta pelo reconhecimento da profissão dessas mulheres, na luta pela autenticação do seu papel frente à sociedade, suas famílias e até diante delas mesmas.

Dada a importância desse tema, nos inspiramos nas histórias de nossas avós e como forma de homenagem decidimos fazer esse fotolivro com histórias reais de mulheres protagonistas de suas terras contadas através de fotografias documentais. Segundo Seidl (2016, p. 57): "Denomina-se documento tudo aquilo que contém

informação. Que tem em si registros e rastros de um acontecimento, de uma realidade observável pela sua aparência, pela visualidade no caso da fotografia.”

Esse fotolivro antes de mais nada serve como um instrumento de reafirmação da luta das mulheres do campo, em busca de visibilidade e reconhecimento. Através da narrativa fotográfica, procuramos mostrar a representação da força feminina que é historicamente subjugada e inferiorizada frente aos diversos preconceitos enfrentados.

Diante dos objetivos propostos, escolhemos o modelo de fotolivro para que as imagens tivessem uma maior valorização e fossem predominantes sobre os textos. A ideia é que a fotografia fale o não dito. Como afirma Fernandez (2011, p. 24): “Os fotolivros tornam realidade a aspiração do artista de oferecer um conjunto que seja algo mais que a soma de suas diversas partes”.

Ainda em relação sobre a escolha pelo fotolivro, entendemos o mesmo como um importante suporte para apresentar o nosso trabalho de fotografia documental. De acordo com Seidl (2016, p. 57):

A fotografia documental se caracteriza por ter um compromisso com a condição social, de afirmação de um ponto de vista de determinada realidade, de ser uma observação do mundo na sua contemporaneidade, com abordagem conjunturais e de contextualização. Utiliza-se mais frequentemente o termo *documental* para designar trabalhos realizados de forma independente, ou por iniciativa particular do fotógrafo, justamente como uma afirmação da característica de ser um ponto de vista particular bem definido, de maior liberdade temática e de expressão. [...] Por isso que geralmente trabalhos de fotografia documental procuram acabamentos para galerismo ou livro.

Portanto, dada a sua importância diante todos os meios de expressão, a fotografia documental nos pareceu capaz de trazer um olhar para aquele momento vivenciado por nós, das mulheres trabalhadoras do campo, de modo a evidenciar como a luta diária delas necessita de um reconhecimento da sociedade.

3. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADAS

Este trabalho é um projeto prático que utilizou o método imersivo de apuração no qual abordou o cotidiano de mulheres do campo, protagonistas da sua própria terra, residentes no interior de Sergipe, no povoado Currealinho, em Lagarto. O pesquisador de história da arte Oliver Grau (2007, p. 30) define a imersão como a “diminuição da distância crítica do que é exibido e o crescente envolvimento emocional com aquilo que está acontecendo”.

A partir da escolha metodológica, partimos em busca de identificar personagens que se aproximassem da ideia inicial discutida, para então selecionarmos as quais comporiam o projeto. Paralelo a isso, fizemos leituras diárias a fim de aprofundarmos os conhecimentos a respeito do assunto que seria base para o projeto. Posteriormente, viajamos periodicamente com o objetivo de identificar essas mulheres e conhecer suas histórias.

Concluída a primeira etapa, partimos então para o conhecimento aprofundado dos processos produtivos aos quais estas participavam, para que desse modo tivéssemos sensibilidade para contar essas histórias através de fotografias.

A ideia então foi desenvolver uma metodologia no qual pudéssemos acompanhar o trabalho diário delas, tentando fazer a menor interferência possível, no sentido de produzir essas imagens. Essa “invisibilidade” almejada, embora saibamos que não seja completamente alcançada⁶, é uma forma de buscarmos captar um instantâneo daquela realidade, que é muito mais complexa do que simplesmente os dias que passamos vivenciando cada uma dessas personagens.

As fotografias e os textos foram produzidos pelos dois idealizadores do projeto, assim como a produção e a diagramação do livro. Passamos seis semanas em visitas ao campo e vivência com as personagens, que ocorreram ao longo de janeiro a março de 2019.

4. DESCRIÇÃO DO PROCESSO

Dada a importância da organização como medida essencial para o alcance de metas em um trabalho. Nos próximos subtópicos a seguir apresentamos as etapas do desenvolvimento.

Quadro 1: Etapas do desenvolvimento deste trabalho.

Fonte: projeto experimental.

Semana	Etapa	Descrição
1ª - 25 a 28 de janeiro	Pesquisa	Procura pelas personagens. Primeiros contatos com as escolhidas. Explicação do projeto para elas

⁶ Considerando que a nossa própria presença interfere no cotidiano delas, ao ter de perceber pessoas externas na realidade diária dessas mulheres do trabalho do campo, e que não estão ali necessariamente a colaborar no serviço que estavam realizando.

2 ^a - 01 a 04 de fevereiro	Acompanhamento	Visitas às residências e acompanhamento em suas rotinas no campo. Início da vivência
3 ^a - 08 a 11 de fevereiro		
4 ^a - 15 a 18 de fevereiro	Produção fotográfica	Vivência e produção das imagens com todas as personagens do projeto
5 ^a - 22 a 25 de fevereiro		
6 ^a - 9 de março		
7 ^a - 13 de março	Seleção	Curadoria das fotografias que entrariam no fotolivreto
8 ^a - 15 de março	Edição	Ajustes nas fotografias. Preparação dos arquivos para o fotolivreto
9 ^a - 16 de março	Criação do projeto gráfico	Definição das dimensões do livro, da tipografia, das cores e do layout da página
10 ^a 17 de março	Diagramação do fotolivreto	Editoração eletrônica das fotografias e demais elementos que iriam compor o projeto

4.1. PESQUISA

Decididos os pontos norteadores do projeto, fomos a campo conhecer a organização do espaço que viria ser nosso objeto de estudo nos próximos meses. Os primeiros contatos causaram estranhamento por parte das entrevistadas; a ideia de contar suas histórias lhes parecia desinteressante. Aos poucos, fomos elencando seus relatos e mostrando-lhes a importância que eles tinham. A cada visita um degrau era avançado.

A estadia das viagens ficou por conta das duas primeiras convidadas: Maria das Dores e Maria de Fatima, filhas de Dona Josefa – uma das inspiradoras do projeto. Seguindo o exemplo da mãe, as irmãs se dividem entre as tarefas do campo e juntas são responsáveis por todo trabalho desde o mais leve ao mais pesado.

A terceira convidada foi a Dona Luzia, 79, que devido a idade não pode mais trabalhar como outrora, mas ainda possui uma relação forte com o campo. Atualmente ela dedica o seu tempo a família e aos afazeres domésticos, porém quando tem oportunidades em épocas de chuva realiza a plantação de pequenos cultivos na tentativa de manter vivo o amor pelo campo, além de colaborar para a subsistência familiar.

A quarta mulher convidada foi a Delfina. Dona de uma alegria única, ela é conhecida como uma das mulheres que mais dedicou ao cultivo e consumo do caju na região. Hoje, devido a problemas de saúde adquiridos devido ao trabalho intenso, se limita a fazer pequenas tarefas domésticas e ao cultivo e cuidado de pequenas plantações no entorno de sua casa.

A quinta mulher convidada foi Maria dos Santos, conhecida como Maria do Bolo. Ainda pequena Maria dedicou-se ao trabalho no campo e desde então nunca parou, hoje planta e colhe para o sustento de sua família e utiliza o cultivo como matéria prima para fazer os bolos e doces que fizeram sua fama no local.

A sexta e última mulher escolhida foi Maria Barbosa que devido à idade (79) não trabalha mais de forma efetiva e se dedica a pequenos afazeres na roça e do próprio lar onde reside.

Com cautela fomos ganhando confiança e a cada visita nos encantávamos pelas histórias que ouvíamos nas longas conversas regadas a sorrisos e café. A princípio todas as mulheres que conversamos apresentavam características que se encaixavam na ideia do projeto. Uma indicava a outra criando assim uma rede, o que facilitou a busca pelas personagens.

4.2. ACOMPANHAMENTO

O acompanhamento foi a segunda parte do processo. Através de visitas semanais autorizadas pelas personagens, foi possível observar toda organização do trabalho, e até mesmo participar das atividades, de forma a sentir na pele como eram as dificuldades enfrentadas por essas mulheres.

As mulheres que por alguma limitação não desempenhavam mais funções como em outras épocas nos levaram a suas terras para detalhar onde trabalhavam, o que plantavam e em que lugares; nos mostraram suas ferramentas e expressaram de forma visível a saudade que sentiam de estar efetivamente no campo.

As irmãs Maria do Carmo e Maria de Fatima se dividem entre as tarefas do sítio onde moram, de modo que cada uma se dedica àquilo que tem maior afinidade. A maior parte do resultado das produções é destinada ao consumo próprio; outra parte é utilizada como alimento para os animais e o que sobra é vendido ou usado como matéria prima para a produção de doces que geram uma renda extra.

No alto dos seus 79 anos, Dona Luzia – que hoje não trabalha mais na roça – nos levou às suas terras e nos mostrou onde fazia suas plantações. A cada passo, uma lembrança. Em pé segurando a cerca, ela descrevia com detalhes o que plantava e com precisão apontava onde cada coisa ficava. Enquanto relatava suas experiências era nítido a saudade que sentia. Atualmente ela se dedica às tarefas domésticas e aos cuidados com a família. Em épocas oportunas realiza pequenas plantações de fava e quiabo para consumo próprio.

Dona de uma alegria única, Dona Delfina que devido a um problema sério de saúde na coluna adquirido após intensos anos de trabalho braçal e não pode mais realizar trabalhos pesados se limita a realizar pequenas tarefas no entorno de casa, como colher frutos e cuidar da horta, além de cuidar da casa e da família. Apesar das limitações, com orgulho, fez questão de nos mostrar um pouco do que fazia antigamente e demonstrou como fazia a colheita dos frutos que usava como matéria prima para os doces que vendia.

Maria de Jesus, hoje carinhosamente conhecida como Maria do bolo produz bolos e doces com os materiais orgânicos retirados de sua própria plantação. Desde pequena dedicou-se à vida do campo e desde então nunca parou. É responsável por todas as etapas de produção, desde a plantação das matérias-primas à venda dos doces que complementa a renda familiar.

Nascida e criada na roça, Maria Barbosa desde criança convive com a rotina de trabalho pesado do campo. Apesar das limitações da idade não consegue ficar parada e sempre procura algo para fazer, respeitando os limites de sua condição física.

4.3. PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

As fotografias que produzimos compuseram o último momento realizado em campo, nas visitas às personagens escolhidas para o nosso trabalho. As imagens foram produzidas durante o acompanhamento de suas rotinas. Nossa maior preocupação era expressar tudo que tínhamos ouvido, nas fotografias.

Apesar de ter sido o momento crucial de todo o trabalho de vivência realizado, era visível que a presença das câmeras ainda as intimidava, porém ao identificarmos esse problema diminuíamos o ritmo, fazíamos uma pausa e conversávamos na tentativa de diminuir o distanciamento. Devido a isto, o processo com algumas mulheres

necessitou desse tempo às vezes maior em alguns casos. As rotinas eram diferentes, o que nos desafiava a viver diferentes realidades nos mais distintos espaços.

As duas câmeras utilizadas no processo são as *Canon T6* e *T3i*, e as objetivas são da Canon, do tipo 18-55mm, 50mm (macro) e 70-300mm (teleobjetiva). As fotografias eram divididas entre ambos os componentes: enquanto um estava fotografando com uma lente macro registrando a paisagem onde as mulheres estavam trabalhando, o outro estava com uma lente teleobjetiva captando os detalhes da atividade. Esse processo durou cerca de um mês e meio.

4.4. SELEÇÃO DAS IMAGENS

Depois de concluída a quarta etapa, partimos então para a etapa seguinte: a seleção das fotografias, considerando um trabalho curatorial que desse conta de documentar toda essa nossa vivência com as mulheres do campo. Essa foi a parte mais difícil, visto que estávamos muito apegados emocionalmente ao trabalho, conseqüentemente as fotos. Com ajuda do nosso orientador, aos poucos fomos avançando nas escolhas. Ao todo, o trabalho rendeu mais de 1000 fotografias.

A quantidade não batia com a realidade do que foi planejado para o projeto gráfico e foi preciso fazer cortes e mais cortes até chegar a uma quantidade próxima daquela proposta na ideia inicial do livro que estávamos planejando.

Após a análise das fotografias, procuramos fazer uma curadoria de modo a selecionar aquelas que seriam indispensáveis para a composição do nosso trabalho. Chegamos então a um número final de 54 imagens, distribuídas ao longo das 70 páginas do livro.

4.5. EDIÇÃO DAS FOTOGRAFIAS

Nessa etapa foram realizados apenas pequenos ajustes nas fotografias. Optamos por fazer poucas alterações por entendermos que as mesmas já se apresentavam bastante ricas em detalhes, o que de certa forma nos ajudou no processo de edição. A edição consistiu em ajustar exposição, contraste, brilho, branco, preto, sombra, saturação e em algumas fotografias foi feita a correção nas cores, utilizamos a ferramenta cor para melhorar a luminância das fotografias.

4.6. CRIAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO DO LIVRO

Essa foi a última etapa antes do projeto ser mandado para a gráfica. As dimensões do livro foram decididas junto ao designer gráfico responsável pela impressão do livro. Para isto, foi necessário a procura por modelos de livros já existentes, a fim de encontrarmos aquele que melhor se adequasse a ideia inicialmente pensada. As dimensões de 20x22cm foram escolhidas, optando assim por um formato horizontal no sentido de priorizar a orientação predominante das fotografias.

A diagramação e a escolha do projeto gráfico foram feitas junto ao orientador do nosso trabalho de conclusão de curso. Decidimos selecionar fotografias que tivessem uma sequência lógica das etapas da atividade fotografada. As fotos que apresentavam mais detalhes visualmente foram deixadas sozinhas para um maior destaque no projeto do livro.

Em relação à tipografia, as fontes escolhidas foram *Bearskin DEMO*, *Ananda* e *Times New Roman*. Na capa, foi utilizada a *Bearskin DEMO*, porque as letras visualmente ficavam mais legíveis. Nos capítulos e frases utilizamos a *Ananda* por ter um desenho visual simples e agradável. A fonte *Times New Roman* foi escolhida para compor o corpo do texto por possuir serifa – o que facilita na leitura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após três meses intensos de dedicação, esse fotolivro sintetiza o final de um processo profundo e enriquecedor. Mergulhar a fundo em histórias de vida tão fortes, viver experiências que fogem do nosso cotidiano e sentir na pele cada dificuldade existente ali, nos ajuda a fazer reflexões que vão muito além do senso comum.

A importância do ouvir, do saber ouvir. Saber ouvir vai muito além de permanecer calado enquanto o outro fala. É ter a sensibilidade e a empatia de se permitir conhecer aquele que nos confiou sua história e seus medos, sem quaisquer julgamentos. Saber ouvir nos torna muito mais humanos. São essas transformações individuais que nos dão a certeza que o trabalho valeu a pena.

Concluir esse livro significa fechar um ciclo que começou com o desejo de homenagear nossas avós e expressar inquietudes internas que nos acompanharam durante anos. Viver na prática as dificuldades que essas mulheres passam diariamente nos tocou de forma profunda de modo que levaremos para o resto da vida. As histórias

compartilhadas nos remeteram a momentos únicos vividos na infância, aflorando o nosso emocional dando a sensação de voltar no tempo.

Tendo em vista toda dificuldade física devido ao cansaço das viagens e as noites longe de casa, junto ao desgaste da correria em relacionar a elaboração do projeto e as outras responsabilidades acadêmicas e pessoais, acreditamos que o resultado das imagens editadas foram um recorte importante dessa vivência no universo das nossas personagens, que gentilmente nos convidaram a entrar em suas casas, em suas vidas.

Não podemos deixar de mencionar as dificuldades financeiras, considerando que ambos os componentes do projeto estavam desempregados e dependiam do financiamento dos familiares para a realização das viagens – que necessitava de transporte alternativo, pois o acesso às localidades por transportes coletivos era limitado até determinado trecho.

Embora estivéssemos muito apaixonados pelo trabalho, em certos momentos essas dificuldades afetaram o nosso psicológico, e por vezes pensamos em desistir. Para além das dificuldades emocionais coletivas, existiam as individuais, e a forma como cada um expressava isso era determinante para o avanço ou não do trabalho.

Apesar de todos os obstáculos que encontramos no caminho até aqui, toda experiência se valida quando vemos o resultado de todo esforço transformado em um fotolivro que superou as nossas expectativas nos dando a certeza de que faríamos tudo outra vez.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J.A.T. et al. **A invisibilidade parcial do trabalho feminino no campo das atividades produtivas**. 18 Redor. Recife-PE, 2014.

BUENO, Carolina Tapia. **Agricultura familiar e trabalho feminino: O Caso da Localidade de Picada Feliz, 7o distrito de São Lourenço do Sul/RS**. VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária e IX Simpósio Nacional de Geografia Agrária. Curitiba-PR, 2017.

BOTTI, Mariana Meloni Vieira. **Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher**. São Paulo, 2003.

FERRANTE, Vera Lúcia Silveira. **A situação legal e real da mulher do campo. Perspectivas**. São Paulo, 1982.

GRAU, Oliver. **Arte Virtual: da ilusão à imersão**. São Paulo: Editora UNESP: Editora Senac São Paulo, 2007.

JUCHEM, Marcelo. **Gênese da fotografia: um fotolivro de registro e divulgação do processo de criação fotográfica**. Rio Grande do sul, 2018.

KARLA, Hora. GUSTAVO, Macedo. MARCELA, Rezende, orgs. **Coletânea sobre estudos rurais e gênero: Prêmio Margarida Alves**. 4a Edição Brasília : Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2015. 280 p.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

MESQUITA, Gabriella Riad Iskandar. **Aspectos de gênero no meio rural revisão da literatura**. Disciplina: Seminários Aplicados. Goiana, 2012

NASCIMENTO, S. M. V.; RODRIGUES, F. C.; SANTOS, N. A. **Agricultura familiar, Agronegócio e a Produção das Trabalhadoras Rurais: processos de 3750 expropriação, dominação e resistência na zona rural do Maranhão**. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. São Luís-MA, p. 1-9, 2013.

SEIDL, Eduardo. **Santa soja: narrativa em um fotolivro**. São Leopoldo, 2016.

TURIBIO, Maria Lidia de Souza. **Fotojornalismo**. São Paulo, 2018

VILLWOCK, A.P.S. et al. **Questões de gênero no mundo rural e na extensão rural brasileira**. Revista Alamedas, volume 4. Toledo-PA, 2016.

JO 12 Produção em Fotojornalismo (avulso/ conjunto e série)

Link para as fotos :

<https://drive.google.com/open?id=17BGTrXRObrC4xiOcZm0apSeI5lg8xvXB>